

O VERGALHO, DE MACHADO DE ASSIS – UMA LEITURA SOB A ÓTICA DAS ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO CULTURAL E COLONIAL

Marcio da Silva Oliveira *

RESUMO: *O objetivo desse artigo é demonstrar, através de um texto de Machado de Assis e do pensamento de Frantz Fanon sobre a psicopatologia do negro, como se realiza a fragmentação do ser colonizado frente às posturas ideológicas do colonizador. Partindo dos conceitos sobre raça e racismo, percebe-se a outremização do sujeito dominado num processo que culmina na perda da identidade pelo indivíduo confrontado com uma imagem negativa de si próprio. A aplicação do pensamento de Fanon ao texto de Machado revela as estratégias do colonizador para manter o colonizado atrelado aos ideais de subserviência, pois a colonização deflagra a aniquilação identitária e o reforço da ideologia dominadante até mesmo por parte daqueles que, em tese, estariam livres de suas amarras. Esse fato é comprovado na obra de Machado por meio da personagem Prudêncio e pelas atitudes da personagem principal, Brás Cubas.*

Palavras-chave: *Ideologia Racial, Psicopatologia, Fragmentação.*

ABSTRACT: *The aim of this article is to demonstrate, through a text Machado de Assis and the thought of Frantz Fanon on the psychopathology of black, as if performing the fragmentation of the colonized front of the ideological positions of the colonizer. Based on the concepts of race and racism, we see the othering of the subject dominated a process that culminates in the loss of identity for the individual confronted with a negative image of himself. The application of the thought of Fanon to Machado text reveals the colonizer's strategies to keep the colonized linked to the ideals of subservience since colonization triggers the identity annihilation and strengthening the ideology of dominating even by those who, in theory, would be free from its moorings. This fact is evidenced in the work of Machado by Prudencio character and the attitudes of the main character, Brás Cubas.*

Keywords: *Racial Ideology, Psychopathology, Fragmentation.*

INTRODUÇÃO

* Doutorando em Letras, estudos literários, pela Universidade Estadual de Maringá

O presente trabalho tem como objetivo uma análise sobre a fragmentação da identidade do sujeito devido ao processo de colonização em um capítulo do livro *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Sabemos que a dicotomia sujeito/objeto passa a ser estudada no pós-colonialismo devido à hierarquização imposta pelo colonizador, com o objetivo de destruir a identidade do colonizado, levando-o a abominar sua própria cultura, seus valores e seus heróis, assumindo para si a identidade do outro com sendo a verdadeira. Isso ocorre, mesmo sabendo que, por razões raciais, econômicas ou quaisquer outras, o colonizado não poderá ter o poder do colonizador.

Partindo do conceito de raça e racismo discutidos nesse trabalho, percebe-se como se constrói a outremização dentro do processo de colonização e, devido a essa hierarquização de valores, aquele que antes era sujeito de sua própria história, com suas crenças e seus valores, vê-se violentamente obrigado a assumir a história do outro como sendo a válida. Diante dessa nova situação, surge o sujeito de identidade fragmentada, inferiorizado diante da nova realidade que se apresenta. O sentimento de inferioridade é provocado pela diferença de raça, classe, entre outros instrumentos de dominação utilizados com os habitantes das colônias, tanto os trazidos como escravos e os que se deslocam por contratos de serviço, quanto os habitantes das colônias anteriores à sua colonização.

O colonizador é aquele que julga sua cultura como superior a todas as outras e, por isso, vê a cultura do outro como primitiva. Ao impor ao

colonizado a adesão de seus costumes e de sua cultura, o dominador o obriga a trocar de identidade ou, segundo Fanon, a trocar de pele, a assumir a pele do outro. Assim, o colonizado assume a postura daquele que lhe oprime. É nessa adesão da identidade do outro que se encontra o núcleo desse trabalho, pois, percebemos como o colonizado, ao assumir a postura de colonizador, age com a autoridade que lhe é inculcada culturalmente, procurando reproduzir-lhe os meios de dominação, mesmo apresentando extrema submissão àqueles que antes lhe oprimiam. Trata-se de uma identidade dividida entre o autoritarismo e a submissão, muito presente no trecho selecionado da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O PROCESSO DE FRAGMENTAÇÃO IDENTITÁRIA DO NEGRO

O conceito de raça na literatura pós-colonial carrega uma conotação negativa por causa da escravidão e da outremização. Em sentido geral, entende-se por raça a população humana, geograficamente localizada ou global, distinta como um grupo através de características físicas geneticamente transmitidas. Já o racismo é a ideologia transmitida de que determinado grupo racial seja superior a outros grupos. Aqui já percebemos o aparato mental para o processo de dominação.

O termo raça não teve sua origem no colonialismo, mas esse o utilizou como uma justificativa para dominar. Através da conquista do território alheio surge a hierarquização dos tipos raciais e a dicotomia dominado/dominador. Um exemplo desse processo de colonização vem da

Europa, no processo de conquista dos povos africanos. “O europeu, julgando-se parâmetro de educação e civilização, não apenas estratifica as

raças, mas também coloca o outro como diferente, e, portanto, não civilizado e sem cultura” (BONNICI, 2000, p. 70).

Diante dessa situação, o colonizado é levado à marginalidade, pois, de um lado, vê-se subordinado a uma cultura totalmente distinta da sua e de outro, sente-se coagido a negar sua própria história. Inferiorizado pelo discurso do outro e constantemente confrontado com a imagem negativa de seu próprio mundo por causa do contato com o colonizador e com suas instituições, o colonizado perde a identidade, já não mais se reconhece como ser humano, é conduzido a um processo de constante desumanização.

Já o colonizador se aproveita dessa situação para seu objetivo de dominação. Segundo Memmi (1967, p. 52), o colonizador “enaltece suas qualidades, os méritos eminentes da civilização que representa e insiste sobre os defeitos, os deméritos do povo conquistado, seu atraso, sua pobreza, enfim, sua inferioridade”.

Assim, o termo raça, no colonialismo, marca a superioridade da raça branca europeia em detrimento da inferioridade dos povos colonizados. Fanon, em sua obra *Pele Negra, Máscaras Brancas* mostra, através da dominação do povo antilhano, como o ser colonizado é fragmentado. Para ele, colonizado é “todo o povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural” (FANON, 2008, p. 34).

Desse modo, o conceito de raça no colonialismo é guiado pela ideologia da hierarquização, impondo aos seres humanos as categorias raciais como forma de dominação e escravidão, o que inevitavelmente deságua na outremização.

A outremização marca a diferenciação entre o sujeito colonizador e o objeto colonizado. O discurso imperialista de exaltação de sua cultura e ridicularização da cultura do outro forma a dicotomia sujeito/objeto que transpassa todo o processo de dominação. O outro é visto como a negação de uma cultura primordial, e por isso, passa a ser objetificado. O próprio termo ‘nativo’ já traz, na linguagem do colonizador, uma carga negativa com o significado atrelado ao paganismo, à falta de cultura, à pobreza, à perversão sexual e à falta de religiosidade.

A partir dos movimentos de estudos pós-estruturalistas, com destaque para a Teoria Pós-Colonial e os Estudos Feministas, iniciou-se a discussão sobre a diferença gerando identidade em relações sociais e de poder. O poder e a hierarquização surgem do processo de diferenciação, cuja hierarquia é imposta de forma violenta entre as partes opostas em contato como, por exemplo, fala e escrita, natureza primitiva e civilização, bondade e maldade, entre outros. Um dos termos se sobrepõe ao outro, geralmente o primeiro deles, marcando a presença do poder. Na colonização, surgem os binarismos civilização/primitivismo, brancos/não brancos, o que causa um desfecho trágico para as civilizações que já existiam nos locais colonizados, como as Américas, a África, a Austrália. (TODOROV, 1991). A identidade envolvida no processo binário opera

tendo como base a inclusão e a exclusão, delimitando espaços e criando barreiras entre nós e eles, os quais são posição do sujeito marcada pela hegemonia. O primeiro termo da relação binária é o sinal de poder manifesto, pois é o padrão, ou seja, a norma e a ‘normalidade’ que tem a voz e o poder de enunciação, na afirmação de

Spivak (1985), diferenciando-se e excluindo o segundo termo. Aquele sujeito é a identidade *per se*, enquanto o outro é a diferença e não raramente, o objeto ‘de que’ fala, colocado em alteridade.

Segundo Thomas Bonnici, “quando o colonialismo coloca o nativo no pólo negativo da hierarquia e o associa à categoria de não europeu, ele estabelece o seu poder” (2005, p. 17). Essa hierarquização gera a outremização, responsável por destacar o poder do colonizado e transformar o outro em coisa, em objeto.

O termo sujeito, no colonialismo, aplica-se àquele que faz e não àquele que é submetido. Sujeito aqui significa agente, que dirige sua própria vida. Objeto, nesse caso, também é uma pessoa, mas pessoa outremizada. A metrópole sempre se considerava sujeito porque a colônia era tratada como objeto. Desse modo, “o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. É a dialética do Sujeito e do Outro, do dominador e do subalterno” (BONNICI, 2002, p. 93).

O enaltecimento da própria cultura por parte do colonizador, colocando-se como um ‘herói’ que virá ‘destruir’ o primitivismo, provoca no colonizado uma dívida moral com o colonizador. Ao classificar sua

religião como a verdadeira e, em consequência, propor ao colonizado uma ‘libertação’ do mundo mítico em que vive, o dominador cria a imagem do salvador, falsificando a história do outro. “Os indivíduos que pensam ou falam fora dos parâmetros do discurso dominante são definidos como loucos ou reduzidos ao emudecimento” (BONNICI, 2005, p. 224). Colocado para fora da própria história, o colonizado passa a não mais gozar

dos direitos de nacionalidade. Não participando das decisões, ele sofre o que Fanon chama de amnésia cultural.

A perda progressiva dos heróis, a destruição dos valores culturais e nacionais e a imposição dos valores pelo colonizador destroem a identidade, desumaniza o colonizado, levando-o cada vez mais a um afastamento de sua própria individualidade. “Mistificado pelo discurso do outro, confrontado com uma imagem negativa de si próprio, constantemente imposta pelas instituições e pelo contato com o colonizador, o negro não sabe mais o que ele é.” (FIGUEIREDO, 1998, p. 66).

Percebe-se que o processo de outremização é violento, provoca prejuízos, na maioria das vezes, irremediáveis. A crise identitária do negro surge da negação de seus próprios valores humanos e culturais, o que o leva a assumir uma situação intermediária. De um lado, a vontade de preservar seus valores culturais e nacionais para que eles não sejam totalmente aniquilados. De outro lado, a nova realidade que se apresenta e que coloca em xeque todos os valores outrora assimilados, agravado pelo fato de que ele [o negro] não consegue se tornar um branco totalmente, ou

abraçar os valores da nova cultura, apagando totalmente a sua. Esses fatores colaboram na construção do ser dividido e fragmentado.

A desumanização e anulação do ser levam o colonizado a uma busca incansável pela assimilação dos valores que são trazidos pelos dominadores. É o que Fanon chama de busca por uma personalidade que lhe seja mais agradável. Ele é levado a trocar de pele, em busca de uma que pareça mais atrativa, como a do colonizador.

O colonizado, para fugir do estigma da objetificação, busca uma nova constituição do eu, que o leve a receber a aprovação branca. Tenta se igualar aos brancos para apagar os estereótipos impostos pela educação, quer ver nos olhos do dominador uma imagem de si que o satisfaça. “Quando chega a ocupar um cargo de chefia, sonha em comandar os brancos, que é uma maneira de levar os brancos a ter com ele uma atitude de negros” (FIGUEIREDO, 1998, p. 70). Esse processo de busca pela assimilação conduz o negro ao que Fanon chama de psicopatologia, adquirida pelo desejo de não se sentir pequeno e que, por isso, o leva assumir a identidade de outro, mesmo perdendo seus heróis e valores nacionais e culturais.

Como percebemos, o processo de anulação do ser no negro constrói um sujeito fragmentado, dilacerado pela perda progressiva dos heróis e temeroso de sentir-se pequeno diante do sujeito dominador. Esse sentimento dividido faz com que esse negro busque igualar-se com seu dominador como se essa fosse a única maneira de fugir da inferioridade provocada pela imposição da cultura e dos valores europeus.

Anteriormente ao contato com o colonizador, o negro, ou o não-branco, não se sentia inferior. O surgimento da raça é algo sobredeterminado pelo exterior, ou seja, é o olhar do branco que revela que ele é negro, ou não-branco. Atacado por esse olhar agressor de denúncia à sua condição psíquica e corporal, o colonizado vê-se mergulhado numa situação que provoca angústia e autodesprezo, o que o leva a, muitas vezes, agir de maneira violenta contra si mesmo ou contra os outros. Fanon

chegou a uma conclusão sobre o dilaceramento do ser negro no contanto com o branco europeu da seguinte forma:

Enclausurado nesta objetividade esmagadora, implorei ao outro. Seu olhar libertador, percorrendo meu corpo subitamente livre de asperezas, me devolveu uma leveza que eu pensava perdida e, extraíndo-me do mundo, me entregou ao mundo. Mas, no novo mundo, logo me choquei com a outra vertente, e o outro, através de gestos, atitudes, olhares, fixou-me como se fixa uma solução com um estabilizador. Fiquei furioso, exigi explicações... Não adiantou nada. Explodi. Aqui estão os farelos reunidos por um outro eu. (FANON, 2008, p. 103).

E assim a identidade do outro se dilacera. Enquanto o negro permanecia em seu mundo, sem a presença do sujeito outremizador, ele não precisava confirmar sua postura diante do outro, pois, não havia a dicotomia superior/inferior. Com a chegada do colonizador, o seu posicionamento sobre o seu mundo começa a passar pelo crivo do outro, portador de outra realidade que, ao se impor, falseia a realidade nativa e a hierarquiza no extremo inferior das relações sociais.

O branco europeu traz para o mundo do negro uma verdade branca, que personifica o seu mundo como o Bem e o mundo do nativo como o Mal. Desse modo, o negro “recarrega o herói, que é branco, com toda sua agressividade [...]. Pouco a pouco se forma e se cristaliza no negro uma atitude, um hábito de pensar e perceber, que são essencialmente brancos” (FANON, 2008, p. 132).

O resultado desse processo é a fragmentação de sua personalidade e seu principal objetivo na vida é assumir o papel de outro. Essa tentativa de branqueamento é, no entanto, insuficiente, pois, ele sempre vai defrontar-se

com o olhar acusador do branco europeu, apontando para o seu lugar de subserviência.

É nessa condição intermediária em que ele se encontra, tentando afastar-se de suas origens e procurando aproximar-se da cultura branca, que abrimos espaço para a análise de *O Vergalho*. Nela encontra-se nitidamente a postura média do negro, que nos ajuda a entender esse dilaceramento do colonizado frente às injustas estratégias de colonização.

MACHADO DE ASSIS E A PSICOPATOLOGIA DO NEGRO

Machado de Assis é conhecido, dentre outros atributos, pela fina ironia com a qual constrói, em suas obras, o painel social de sua época. Atento observador da alma humana, sua escrita é sempre voltada aos males de uma sociedade construída sob o estigma da escravatura. É nessa

sociedade que ele descreve os diversos e cruéis tipos de perversões adquiridos pelas práticas senhorias e legitimadas pela violência física e psicológica.

Dotado de perspicácia e sutileza ímpares, Machado desvela a engrenagem colonial marcada, ao mesmo tempo, pela imposição cultural e ideológica do ser dominador e pela objetificação do ser dominado. Um olhar superficial sobre a obra machadiana pode levar a interpretações equivocadas de que o autor é elitista ou que, de certo modo, justifica certas práticas coloniais, como é caso, por exemplo, do conto *Pai contra mãe*, onde a salvação de um núcleo familiar branco parece justificar a destruição de outro núcleo composto por uma escrava e seu filho. Um olhar

meticuloso, no entanto, revela exatamente o contrário, a saber, o desmascaramento das imposições ideológicas de uma sociedade construída sob as mais brutais imposições coloniais.

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881, apresenta, de modo interessante e inovador, o girar da engrenagem colonial da sociedade de Machado. Narrado em primeira pessoa por um narrador que se autointitula ‘defunto-autor’, temos à frente do texto um personagem que, por estar morto, tem liberdade para falar de modo franco a respeito das mazelas sociais. Trata-se do anti-herói Brás Cubas, que Machado constrói como modelo de falta de moral, pouco compromisso com os outros e consigo mesmo e dotado de grande sarcasmo. Nascido em uma família da elite carioca do século XIX, Brás relata em forma de memórias os (des) caminhos de sua vida, seus amores, sua busca pela fama e pelo

reconhecimento, a tentativa de manutenção do *status* social e, ao final, a imensa mediocridade por trás disso tudo, como se nota ao final do romance: “ao chegar a esse outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa desse capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 1999, p. 194).

Através da personagem Brás Cubas e daqueles que o circundam, temos o painel que consolida a hipócrita construção de uma sociedade tipicamente colonial. As memórias do defunto, ironicamente, buscam dismantelar a estrutura social marcada pela tentativa de manutenção de um *status* social e pela objetificação do outro. É o que podemos perceber no

capítulo LXVIII do romance intitulado *O Vergalho*, e que se torna, agora, objeto da presente análise.

Nele, Machado apresenta o processo de outremização do negro, levando-o a um tão alto grau de submissão capaz de fazê-lo sentir-se inferiorizado, mesmo em situação de liberdade. No texto temos a presença de três personagens principais: Brás Cubas, Prudêncio e o escravo. Dentre esses, a figura do escravo como ser colonizado, dominado e inferiorizado e a de Brás Cubas como colonizador. Prudêncio é o intermédio entre ambos, assumindo ora a postura de colonizado, ora de colonizador.

No início do texto, a postura de Brás Cubas como colonizador surge devido à forma com que esse se refere aos outros dois personagens: “era um preto que vergalhava outro na praça” (ASSIS, 1999, p. 112). O uso do

substantivo ‘preto’ tem conotação pejorativa, de inferiorização, típica do processo de outremização. O ato de referir-se aos outros dois personagens depreciativamente perpassa todo o capítulo. Além de ‘preto’, Brás Cubas utiliza-se de adjetivos, como moleque, maroto, pobre, ao se referir aos outros. A linguagem do narrador também apresenta o processo de objetificação do outro. Ao dizer: “era o meu moleque Prudêncio” (ASSIS, 1999, p. 112), ele trata o outro como um objeto. O uso do pronome possessivo, nesse caso, tira de Prudêncio a condição de sujeito, vivo e pulsante, para transformá-lo em objeto, sem vida própria, inferior e submisso.

O escravo, vítima dos açoites, é a figura mais latente do colonizado. Resignado e submisso, ele não reage diante das investidas do outro. Enquanto Prudêncio dava-lhe vergalhados, ele “não se atrevia a fugir;

gemia somente essas únicas palavras: ‘não, perdão, meu senhor! Meu senhor, perdão!’” (ASSIS, 1999, p. 112). Nota-se no colonizado a ausência de personalidade e identidade. É uma figura sem nome, chamado somente por adjetivos depreciativos como escravo, outro, preto, diabo, besta. Por intermédio de Prudêncio e de Brás Cubas, temos a visão do colonizador sobre o colonizado, pois, esse é visto como “um vadio e um bêbado muito grande” (ASSIS, 1999, p. 112), apesar do pesado trabalho que tinha que suportar, realizado dentro de uma carga horária muito longa, sem direito a lazer ou a qualquer tipo de recompensa, por ser colocado na posição de objeto, como escravo. Ainda assim, para reforçar o estereótipo criado pelo

colonizador sobre o colonizado, especialmente o não-branco, este era caracterizado como preguiçoso, dado à vadiagem e à bebedeira.

Entre Brás Cubas e o escravo está Prudêncio, um ser intermediário entre o colonizador e o colonizado. Nele se percebe a fragmentação da identidade do ser outremizado. Prudêncio é um escravo liberto que, de acordo com as reflexões de Brás Cubas, passou por grandes sofrimentos na época de cativo e que, agora, transmite essas amarguras a outro colonizado.

Diante do colonizado, ele é o colonizador autoritário, que não hesita em açoitar aquele que não obedece às suas ordens. Um ser impiedoso, que responde às súplicas do dominado com violência e intolerância. Diante do colonizador, no entanto, ele retoma a condição servil, de submissão e prostração. A brusca mudança de personalidade apresenta um ser dividido, que vê no colonizador um objetivo de vida e tenta fugir das amarras do estigma da colonização. É a típica mudança de pele teorizada por Fanon

que leva o negro à neurose coletiva chamada por ele de psicopatologia. A mistificação do discurso do outro faz com que Prudêncio crie a imagem negativa de seu próprio grupo e reforce a ideia estereotipada da preguiça e da inferioridade do negro.

Assim, no texto existem dois tipos de dominadores e dominados. Há o dominador que sempre foi dominador e que se utiliza da autoridade a todo o momento, hierarquizando os demais; e também o dominado que sempre foi dominado e conserva a postura de submissão e resignação. Entre esses, temos o dominado que passou a ser dominador, que olha o

outro como objeto e não percebe que ele mesmo é objetificado pelo estigma da escravidão.

Em *O Vergalho* tem-se a caracterização do colonizado pelo ponto de vista do colonizador. Trata-se de uma figura sem identidade, Prudêncio, que mantém um código de fidelidade com aqueles que o escravizaram, mesmo tendo em mãos o documento que lhe confere liberdade. Em Prudêncio, presencia-se o colonizado que nega sua própria cultura com o objetivo de assimilar a do branco. Ele é um homem entre duas culturas, deslocado onde quer que vá.

Quando, no início do texto, o narrador relata que se surpreendeu com um fato, vê-se logo que tal acontecimento ultrapassa a fronteira do corriqueiro para tornar-se algo improvável: “era um preto que vergalhava outro” (ASSIS, 1999, p. 112). Um negro vergalhar outro negro é algo que, para o narrador, foge à rotina. O vergalho ou açoite era um instrumento utilizado principalmente pelos senhores de escravos para castigar os negros que fugiam à regra de submissão. O fato de um negro, colonizado, utilizar

instrumentos do colonizador, fugia à regra da colonização, o que causa espanto para o dominador. Outro motivo de espanto para o dominador é a linguagem do negro que açoita e daquele que apanha. Trata-se de uma linguagem também utilizada como instrumento de dominação, pois é autoritária, inferiorizadora. Enquanto a linguagem do açoitado é de resignação, de subserviência. Assim, lê-se:

- Toma, diabo! – dizia ele – toma mais perdão, bêbado!
- Meu senhor! – gemia o outro.

- Cala a boca, besta! – replicava o outro! (ASSIS, 1999, p. 112).

O termo ‘diabo’ desempenha uma característica muito presente no colonialismo, pois coloca o nativo como a personificação do mal. Esse aspecto é intimamente ligado aos dogmas religiosos e aspectos culturais, que demoniza os deuses não-cristãos (por exemplo, a sincretização da divindade Iorubana Exu com o demônio cristão). Essa é uma das estratégias de dominação onde a atribuição de características negativas impulsiona o colonizado a negar sua própria cultura, assumindo a do outro como melhor que a sua. Já o termo ‘besta’ remonta a outro lado do colonialismo, o da objetificação. Comparando o colonizado a um animal, o dominador nega-lhe o direito de ser sujeito para tornar-se objeto. A besta é constantemente submetida a trabalhos forçados pelos açoites de seu dono, assim como o colonizado diante do colonizador.

Percebendo a postura do escravo liberto, que age de maneira semelhante aos colonizadores, Brás Cubas, ser ‘superior’, interfere na briga. É uma forma de o dominador manter a autoridade e não permitir que o outro, outrora escravo, se apodere do que é seu ‘por direito’, adquirido no processo de colonização.

Após interpelar Prudêncio se o negro açoitado era seu escravo, temos o seguinte diálogo entre o antigo e o novo dono de escravos:

- É sim, nhonhô.
- Fez-te alguma coisa?

- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.
- Está bem, perdoa-lhe, disse eu.
- Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. (ASSIS, 1999, p. 112).

Nesse trecho, a situação de Prudêncio se modifica, pois, antes, seu diálogo era com um colonizado e, por isso, extremamente autoritário. Agora o autoritarismo cede lugar à subserviência, os adjetivos depreciativos são substituídos pelo pronome ‘nhonhô’, muito utilizado pelos negros escravos no relacionamento com seus senhores em sinal de respeito.

Apesar de continuar outremizando o escravo, chamando-lhe de vadio e bêbado, Prudêncio também é outremizado pelo seu antigo dono, que pede que ele perdoe o escravo, muito menos por pura bondade de seu coração e muito mais por querer testar o poder que ainda exercia sobre o seu ex-escravo. Assim, o diálogo é concluído com um ponto culminante da demonstração dos danos causados pela colonização: “nhonhô manda, não pede” (ASSIS, 1999, p. 112). O desfecho do diálogo demonstra, desse modo, que não é um documento que lhe trará a autonomia na vida. A prisão

ao dominador se encontra impregnada em seu ser, como um estigma que ele carregará pelo resto da vida. A atitude de Brás Cubas, por outro lado, não visa necessariamente privar o escravo de uma situação humilhante, um açoite em praça pública, mas de pôr à prova a subserviência de seu antigo homem/objeto.

Mais uma vez, o texto nos remonta a Fanon que, seguindo a dialética de Hegel, afirma: “mergulhado na inessencialidade da servidão, foi liberado pelo senhor, não sustentou a luta pela liberdade, não agiu, foi objeto de um ato de generosidade do branco” (FIGUEIREDO, 1998, p. 73). Esse ‘ato de generosidade do branco’ é o que dá ambigüidade ao ser de Prudêncio no texto de Machado. Ele vê na figura de Brás Cubas aquele que lhe deu oportunidade de depositar em outro os mesmos sofrimentos pelos quais outrora passou. Mas o narrador não o liberta plenamente das amarras da escravidão, somente fornece espaço para sua locomoção, como um cão que, mesmo podendo caminhar por todo o quintal, ainda permanece preso ao arame no qual seu dono o mantém.

O próprio texto mostra que o colonizador, quando acha necessário, puxa as rédeas do colonizado mostrando com quem está o poder. Quando se lê: “ele deteve-se logo e me pediu a bênção” (ASSIS, 1999, p. 112), percebemos a ironia utilizada pelo narrador para demonstrar sua própria superioridade. ‘Bênção’, em sentido religioso, significa proteção e respeito. Já Brás Cubas a utiliza para mostrar que aquele ser que ali se encontra prostra-se diante de sua autoridade, obedece-lhe as ordens e, por isso, lhe é inferior.

Prudêncio é impregnado de subserviência colonial e, mesmo liberto, prostra-se diante de Brás Cubas. O tratamento aparentemente carinhoso e respeitoso com o qual ele trata o narrador não condiz com o tratamento que esse o dispensava na época em que era seu escravo: “eu, em criança,

montava-o, punha-lhe um freio na boca e desancava-o sem compaixão. Ele gemia e sofria” (ASSIS, 1999, p. 112). Esse fato demonstra claramente o tipo de grilhões a que estava submetido Prudêncio, as amarras da ideologia colonial, que propunha uma liberdade mascarada ao escravo, mantendo-o outremizado à vontade do colonizador. O freio, instrumento de tortura física da época da infância tornou-se instrumento de tortura psicológica na fase adulta, pois, mantém a vítima atrelada aos laços do carrasco.

Como conclusão dessa análise, é interessante que se lance um olhar sobre o último parágrafo do texto, onde o narrador, após o acontecido, entrega-se às suas reflexões. Ele realiza sua divisão em acontecimentos externos e internos quando afirma “que era torvo o episódio na Valongo, mas só exteriormente. Logo que meti mais dentro a faca do raciocínio achei-lhe um miolo gaiato, fino, e até profundo” (ASSIS, 1999, p. 112).

Ao perceber que Prudêncio açoitava o outro como forma de “se desfazer das pancadas recebidas” (ASSIS, 1999, p. 112), o narrador passa a olhar o capítulo como alegre, como se a busca pela assimilação da atitude autoritária do colonizador fosse positiva. A imitação do colonizador pelo colonizado faz com que ele o veja de outra maneira: “vejam só as sutilezas do maroto” (ASSIS, 1999, p. 112).

Como última consideração sobre o texto, nota-se a contradição entre a escrita e a ação do personagem-narrador. Esse aponta o Prudêncio adulto

como um ser livre e que “dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição” (ASSIS, 1999, p. 112). No entanto, a partir de suas ações autoritárias, permitindo

que o outro se prostre diante de si e ordenando-lhe a tomar essa ou aquela atitude, o narrador demonstra que esse desagrilhoamento nunca existiu e o colonizador é sempre aquele que dita a última palavra, o que lhe causa o conforto de ainda se sentir com o poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o pensamento de Fanon, a condição colonial é marcada por duas chagas que se completam: a violência e a alienação. A criação de uma suposta inferioridade nativa por parte do invasor leva necessariamente esse nativo a um processo de aceitação de sua ideologia como verdade suprema, o que marca todo um processo de outremização, através do racismo. Fanon quis, com sua obra, mostrar ao negro que, ao aderir à máscara branca, ele estava automaticamente fragmentando a própria personalidade, de modo a gerar um aniquilamento de sua condição de homem como ser pensante e agente. Ao agir como o colonizador, o negro se desumaniza e passa a empregar os mesmos métodos de violência e despersonalização, aniquilando sua identidade para assumir a máscara branca.

Na leitura do capítulo do romance de Machado de Assis acima analisado, percebemos exatamente a exposição desse processo de aniquilação da personalidade, como um exemplo prático da teoria de

Fanon. A atitude do escravo alforriado que se divide entre o autoritarismo e a submissão leva-nos a refletir sobre esse processo de libertação da

escravatura que, em teoria, abria as portas para um mundo novo, mas que, na prática, conservava o sistema de dominação colonial e que se estende, de certo modo, até o contexto atual. A escravização abandonava o aspecto físico para adquirir contornos ideológicos, culturais e identitários, o que a tornava muito mais eficiente aos propósitos do invasor.

A postura de Brás Cubas como narrador do texto resgata a atitude do colonizador que se sente satisfeito com o resultado ideológico do processo de dominação. O escravo que, mesmo liberto, lhe toma a bênção e respeita suas ordens é o mais puro reflexo de um mecanismo extremamente eficiente, de uma engrenagem que continua a todo vapor e isso oferece ao narrador uma sensação de conforto, pois o posiciona como ser superior.

Prudêncio, por outro lado, é o ser fragmentado que, segundo Fanon, encontra-se entre duas culturas e, por isso, sente-se deslocado onde quer que vá. É o ser que, para Albert Memmi (1967), é atingido pela amnésia cultural e renega sua família, seus valores e suas tradições, identificando-se com o herói branco.

Através de seu texto, Machado de Assis enfatiza e desmascara o discurso escravista, mostrando o quanto a ideologia dominador/dominado ainda estava forte naquele contexto, assim como está nos dias atuais. É um texto que, implicitamente, nos leva a constatar, junto com Fanon, que o processo de descolonização passa necessariamente pela valorização dos heróis e das tradições culturais nacionais e, conseqüentemente, pelo desvencilhamento das amarras ideológicas propostas pelo poder dominante.

REFERÊNCIAS

Revista Trama ISSN 1981 4674 - Volume 12 – Número 27 –2016,
p.313-333.

ASSIS, Machado. (1999). *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 5ª. Edição. São Paulo: Martin Claret, 1999.

BONNICI, Thomas. (2000). *O Pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem.

_____. (2005). *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem.

MEMMI, Albert. (1967). *The Colonizer and the Colonized*. Boston: Beacon Press.

FANON, Frantz. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA.

FIGUEIREDO, Eurídice. (1998). *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói: EDUFF.

SPIVAK, G. Diasporas old and new: women in the transnational world. *Textual Practice*, v. 10, n. 2, p. 245-269, 1996.

TODOROV, T. (1991). *A conquista da América: A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes.

BONNICI, Thomas. Representação feminina na literatura da África do Sul. *Revista Mimesis: Ciências Humanas*. Bauru – SP, 2002, vol. 23, n. 2. Disponível em <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v23_n2_2002_art_04.pdf> Acesso em 15 de jun. de 2016. p. 91-101.